

**Ciência, Literatura e Arte: saberes e emoções na Educação de Jovens e Adultos**  
**Science, Literature and Art: knowledge and emotions in Youth and Adult Education**  
**Ciencia, Literatura y Arte: conocimiento y emociones en la Educación Juvenil y de**  
**Adultos**

Recebido: 01/07/2020 | Revisado: 08/07/2020 | Aceito: 16/07/2020 | Publicado: 21/07/2020

**Valéria da Silva Lima**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9468-8664>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: [valeriaslima8910@yahoo.com.br](mailto:valeriaslima8910@yahoo.com.br)

**Grazielle Rodrigues Pereira**

ORCID: <https://orcid.org/0000000156850205>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: [grazielle.pereira@ifrj.edu.br](mailto:grazielle.pereira@ifrj.edu.br)

**Maylta Brandão dos Anjos**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6272-5056>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: [maylta@yahoo.com.br](mailto:maylta@yahoo.com.br)

**Resumo**

As expressões da ciência e da arte passeiam por categorias que vão da música à literatura, ao entendimento dos fenômenos naturais. Nada melhor que trabalhar tais assuntos na educação de jovens e adultos (EJA) numa dimensão de aproximação dos sentidos do mundo subjetivo à ciência. Nesse sentido, o presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com foco qualitativo onde a inter-relação entre ciência, arte e literatura serão os caminhos trilhados para a garantia dos direitos da EJA. Por serem expressões de uma civilização que tem em seus momentos sociais, singulares modos de vida, o artigo apresenta, a partir das junções das formas expressivas da ciência e da arte, buscar elementos necessários que se estabelecem entre esses dois conhecimentos que unificam paradigmas dentro de uma complexidade de mundo que se mostra diferente, mas único, a cada momento. Buscou-se, traduzir as vertentes que aproximam as duas dimensões relacionadas à arte e à cultura trazidas para o recorte da EJA, observar o que constituem e complementam esses saberes na EJA. Portanto, levantaram-se indagações que apontassem algumas das produções dos sujeitos sociais que

protagonizaram e protagonizam as ideias constitutivas acerca do mundo, buscando nelas a interação entre a ciência e a arte, tendo a literatura em foco na EJA.

**Palavras-chave:** Ciência e arte; Literatura; Educação de Jovens e Adultos; Interdisciplinaridade.

### **Abstract**

The expressions of science and art go through categories ranging from music to literature, to the understanding of natural phenomena. There is nothing better than working on these issues in the youth and adult education (YAE) in a dimension of approximation of the meanings of the world that is subject to science. In this sense, the present work is a bibliographic research, with a qualitative focus where the interrelationship between science, art and literature will be the paths taken to guarantee the rights of YAE. As they are expressions of a civilization that has, in its social moments, singular ways of life, the article presents, from the junctions of the expressive forms of science and art, to search for necessary elements that are established between these two knowledge that unify paradigms within a world complexity that shows itself different, but unique, every moment. We sought to translate the aspects that bring together the two dimensions related to art and culture brought to the YAE clipping, to observe what constitutes and complement this knowledge in YAE. Therefore, questions were raised that pointed out some of the productions of the social subjects who played and play the constitutive ideas about the world, seeking in them the interaction between science and art, with literature focused on YAE.

**Keywords:** Science and art; Literature; Youth and Adult Education; Interdisciplinarity.

### **Resumen**

Las expresiones de la ciencia y el arte atraviesan categorías que van desde la música hasta la literatura, hasta la comprensión de los fenómenos naturales. No hay nada mejor que trabajar en estos temas en la educación de jóvenes y adultos (EJA) en una dimensión de aproximación de los significados del mundo que está sujeto a la ciencia. En este sentido, el presente trabajo es una investigación bibliográfica, con un enfoque cualitativo donde la interrelación entre ciencia, arte y literatura serán los caminos tomados para garantizar los derechos de EJA. Como son expresiones de una civilización que tiene, en sus momentos sociales, formas de vida singulares, el artículo presenta, desde las uniones de las formas expresivas de la ciencia y el arte, para buscar los elementos necesarios que se establecen entre estos dos conocimientos

que unifican paradigmas dentro de Una complejidad mundial que se muestra diferente, pero única, en cada momento. Intentamos traducir los aspectos que unen las dos dimensiones relacionadas con el arte y la cultura llevadas a la vanguardia de EJA, para observar lo que constituye y complementa este conocimiento en EJA. Por lo tanto, surgieron preguntas que señalaban algunas de las producciones de los sujetos sociales que tocaban y jugaban las ideas constitutivas sobre el mundo, buscando en ellos la interacción entre ciencia y arte, con literatura enfocada en EJA.

**Palabras clave:** Ciencia y arte; Literatura; Educación de Jóvenes y Adultos; Interdisciplinariedad.

## 1. Introdução

*“O que há de ser tem muita força”.*

*Guimarães Rosa*

Nos expressamos a todo o tempo. Nos dizemos, ainda que não nos percebamos. Nosso silêncio é falar e mostrar-se num constante. No não dizer, dizemos e falamos à arte, nos comunicamos na cultura, descobrimos mistérios do mundo e da vida na ciência. No se fazer, criamo-nos e recriamo-nos. Nossas criações são registros de existências e de pensamentos que configuraram hábitos, desejos e momentos sociais perpetrados pela cultura, pela ciência e pela arte que se propagaram, fertilizaram e se mantiveram pelo, também, território da educação.

Encontramos ciência, cultura e arte em diversas expressões, nas obras literárias para além das narrativas românticas, realistas e contemporâneas de situações ficcional ou real, encontramos sentidos de uma conjuntura, sentimentos e análises de um tempo, casando com fatos e situações, onde podemos pinçar fatores voltados à ciência, aos fenômenos, sejam eles naturais ou sociais (Rocque e Teixeira, 2001). Esses quando são colocados nos seus momentos históricos, sobretudo quando traçamos regras, convívios e costumes de épocas nos servem como elementos de grandes análises para compreensão de como pensamos e de como vivemos como humanidade dentro de um princípio de evolução, desenvolvimento, transformação e mudança.

Podemos, pelos textos escritos nos livros literários, traçar e/ou observar quais caminhos que remetem à complexidade analítica que integra ciência e literatura nas suas diferentes linguagens (Rocque e Teixeira, 2001). Na busca de traduzir as descrições dos personagens, cenários e situações que são criadas e/ou registradas a partir de fatos existenciais

da realidade vivida, podemos ver as gramáticas das descrições o como a ciência perfaz imagens e inaugura sentimentos e histórias. E esses sentidos trabalhados na educação de jovens e adultos (EJA), ampliam a compreensão e o sentido da educação que se faz na inclusão, caminho de novas possibilidades para aqueles que reúnem sonhos e frustrações que deságuam nas carteiras escolares e nas novas relações obtidas nelas.

Para além do processo criativo de favorecimento à humanidade, a arte oferecida em formas de pensamento e palavras, busca traduzir em sentimentos o ato de compreender os arcaouços dos fenômenos que não se explicam somente na espiritualidade, no modo de vida e nos costumes estabelecidos, auxilia a compreensão no processo educacional, abre caminhos de novos aprendizados que aproximam saberes (Root-Bernstein e Root-Bernstein, 2001).

Pelas narrativas e diálogos das personagens construídas ao longo das oralidades e registros literários, observar o método e o pensamento vivido em determinada época abre para aproximações nas aulas com os jovens e adultos que se colocam nesse momento propícios a fortalecer novos momentos, criações e dinâmicas da vida. Assim, pensar na EJA, o que se usava, comia, fazia, vestia, como se colocava no mundo das ideias para ser posto e experimentado no mundo concreto, ocasionam alargamento de perguntas que sofreram tentativas de respostas ao longo da existência humana. Assim, indagações do que somos, como nos constituímos, o que nos organiza em sociedade, que fisiologia nos domina, que sistema ou regime político experimentamos nos seus porquês, de que forma construímos a fé e como fomos educados por ela, de que forma funcionava o mundo e o que refluí nas distintas épocas, perguntar ainda por que foi negado o acesso à educação formal, por que a educação lapida para o trabalho e o que se constrói nela para a vida, são perguntas que permeiam o diálogo pretendido entre ciência e arte. E aqui trazemos na dinâmica desse trabalho o sentido da omnilateralidade<sup>1</sup> experimentado como eixo central do fazer, atravessando o campo da arte e da ciência mediado pela cultura e pela educação.

Trazemos, especificamente, a literatura uma vez que avaliamos ter essa entrada na seara de compreender o mundo e os atores da EJA pertencentes a ele por via do texto e das narrativas próprias a ele na aproximação autor e leitor, inseridos nas diversas leituras e olhares interpretativos sobre o mundo. Esses conhecimentos foram construídos ao longo da humanidade, experimentados pelos alunos que, privados por várias razões de uma educação

---

<sup>1</sup> O conceito da omnilateralidade refere-se a uma formação humana integral, oposta a unilateralidade -trabalho alienado, divisão social do trabalho. Sob a perspectiva da Marx, a omnilateralidade é definida como “desenvolvimento total, completo, multilateral, em todos os sentidos, das faculdades e das forças produtivas, das necessidades e da capacidade da sua satisfação” (Manacorda, 2010, p. 94).

formal, hoje caminham frente às questões pujantes da sociedade, que apresentaram suas sequelas sociais, políticas e culturais e que revê na possibilidade da inclusão: o direito do acesso à educação.

Sendo assim, para falar da vida e dos sentimentos, situamos contextos e buscamos a compreensão no que, para nós, se traduz em respostas. Não dá para ficar solto o que nos leva à compreensão, explicando em ciência e arte os distintos momentos vividos, isso porque somos pensados e motivados por ideias, vontades, necessidades e desejos profundos. A EJA, no seu sentido mais amplo, nos sinaliza esses aspectos que podem ser expressas nas linguagens literárias, inseridas nas políticas públicas de reparação, qualificação e equiparação.

Corroboramos com Freire (2006) no sentido da compreensão de que a EJA deve estar a serviço da reconstrução nacional para que o povo reconheça sua história e a refaça com ações, leituras e contextualizações. Quanto mais consciência de mundo os sujeitos tiverem, mais lucidez terão no enfrentamento das dificuldades econômicas, sociais e culturais necessários à libertação.

Diante do exposto, o presente trabalho, a partir das junções das formas expressivas da ciência e da arte, tem como objetivo buscar elementos necessários que se estabelecem entre esses dois conhecimentos que unificam paradigmas dentro de uma complexidade de mundo que se mostra diferente, mas único, a cada momento. Dessa forma, buscou-se, traduzir as vertentes que aproximam as duas dimensões relacionadas à arte e à cultura mediante o recorte da EJA.

Nessa vertente, levantaram-se indagações que apontassem algumas das produções dos sujeitos sociais que protagonizaram e protagonizam as ideias constitutivas acerca do mundo, buscando nelas a interação entre a ciência e a arte, tendo a literatura em foco na EJA.

Por meio da metodologia qualitativa, o trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica no qual a inter-relação entre ciência, arte e literatura foram os caminhos trilhados para a garantia dos direitos da EJA. Dessa maneira, essa relação foi estabelecida a partir da literatura clássica, os quais foram apresentadas as seguintes obras: “Germinal” (2016); “As Vinhas da Ira” (2013); “A mulher de Trinta” (2015); “Os Miseráveis” (2014); “Crime e Castigo” (2013); “Vinte Mil Léguas Submarinas”(2019); “O Médico e o Monstro”(2013); “Frankenstein”(2017); “A Revolução dos Bichos” (2007); “Admirável Mundo Novo” (1981); “Vidas Secas” (2019); “Morte Vida Severina (2007)” e “A Dama das Camélias em cordel” (2012).

## 2. Desenvolvimento das Ideias acerca da Ciência, Arte e o Processo Criativo

Considerando que a arte não é estática e tem relação com diversas áreas do saber, como produção que reflete as manifestações sociais, defendemos uma visão de produção integrada, levando em conta que, sendo a arte e a ciência expressão, também, do aspecto social, elas sofrem a influência do contexto e do tempo onde o artista e o cientista desenvolvem sua produção. Essa análise envolve um repensar na prática humana, trazendo a sensibilidade dentro de um contexto participativo e estímulo ao processo criativo.

O casal Root-Bernstein e Root-Bernstein (2001) apresenta em sua obra intitulada “Centelhas de Gênios: como pensam as pessoas mais criativas do mundo” debates acerca da relação entre a ciência e a arte como pilares para o desenvolvimento do processo criativo. Os autores ressaltam que para se pensar criativamente é “preciso sentir”, desse modo, a emoção e a razão estão intimamente relacionadas (Root-Bernstein e Root-Bernstein, 2001). Há trabalhos de pesquisadores, como o neurologista Antonio Damasio junto a pacientes com comprometimentos neurobiológicas por acidente vascular cerebral e tumores, que em função da capacidade emocional ter sofrido grandes alterações a perda da habilidade de fazer planos racionais, tais pacientes “se tornam incapazes de se envolver emocionalmente em suas decisões, não conseguem mais tomar decisões acertadas” (Root-Bernstein e Root-Bernstein, 2001, p.17).

Ao contrário do que se pode pensar, não há a dicotomia entre a ciência e a arte, elas estão intimamente relacionadas e podem ser trabalhadas na EJA como elemento de ensino, aprendizagens e ressignificações de vida para pensar certo. Root-Bernstein e Root-Bernstein (2001) sublinham que há muitas semelhanças no plano criador, “as semelhanças absolutas entre os processos mentais do cientista e do artista não existem somente num plano individual, mas também num plano coletivo” (p. 22).

A educação de jovens e adultos (EJA) deve ser vista com um ato político e de construção de conhecimento. Logo é um ato criador que envolve diversas leituras, inserções no mundo, percepções críticas, interpretações e “re-escritas” do lido (Freire, 2003). Dessa forma, o engajamento nessa modalidade de ensino deve ocorrer de forma colaborativa, incluindo a garantia dos direitos aos sujeitos da EJA, tendo em vista a inclusão, bem como a garantia dos direitos educativos de reparação, equalização e qualificação social em uma concepção mais ampla e triangular de ensino da arte constituída de ler, fazer e contextualizar no viés dialógico (Silva, Lampert, 2016).

Dessa forma, quando pensamos na arte e na ciência e em suas naturezas interdisciplinares, reconhecemos as linguagens expressas por elas, em que o ato criativo envolve teorias e práticas, inspirações e deduções. Para nós, a ciência tal qual a criação artística acaba sendo uma multitarefa, pois passam por desafios contínuos que envolvem o criar e a articulação do conhecimento (Rizolli, 2007). Articulação de conhecimentos que dialogam entre si, numa concepção cosmopolita onde a interdisciplinaridade é o eixo que unifica ciência, arte e literatura.

### **3. A Ciência e a Literatura: o Viés Interdisciplinar a Partir da Análise Bibliográfica e a Educação de Jovens e Adultos**

A ciência e a literatura se encontram no substrato do seu fazer. Elas possuem cenários e sujeitos que habitam nas cenas sentidas, criadas e revistadas nas diversas histórias e personagens que povoam as dimensões sociais. Um exemplo para essa fala é a observação nas histórias dos sujeitos que ao longo do tempo habitam contos romantizadas e/ou realistas, construídos dentro dos paradigmas dos seus tempos históricos em que a vemos em elementos que remetem a construção dos sujeitos em sua época.

Se fizermos um recorte e analisarmos os livros editados no primeiro período da idade moderna, vemos histórias de personagens e situações que remetem a disciplinarização e ao reducionismo desse momento histórico e que redundam ao se apresentarem nas interpretações dos fenômenos sociais e naturais. A título de ilustração, vemos como a saúde e o ambiente eram tratados ou pensados a partir da leitura dos clássicos literários como “Germinal”, obra de Émile Zola escrita em 1881 (2016); “As Vinhas da Ira” de John Steinbeck, 1939 (2013); “A mulher de Trinta” escrito em 1831 por Honoré de Balzac (2015).

Em alguns romances realistas no início do século XX e mesmo produções cinematográficas, há a referência a cenas explícitas de que, somente à elite tinha o hábito da escovação dentária uma vez por dia. A presença de determinadas doenças, bem como a relação com o ambiente estava em paradigmas históricos e científicos em que os micro-organismos e suas potencialidades eram ignorados. Entendia-se o que era captado pelos sentidos. O que extravasava a ele era considerado inexistente. A ciência aliada à tecnologia desvendou muitos “mistérios” na ampliação das lentes, nas reações químicas, nas descobertas físicas e nas observações sociais. Ela cômica a dar vida ao que não se via, aos efeitos do que aos olhos não eram captados (Rocque e Teixeira, 2001).

A ciência, nessas produções, certamente, ainda que não aparecesse como uma narrativa ou um propósito nas obras literárias, transcorria em acontecimentos, assoalhava as realidades, delimitava representações, fazia aparecer de forma implícita, a nova ordem de mundo que estava a acontecer em suas dimensões de ampliação aos fenômenos do mundo.

Estava posta nas culturas desenvolvidas na época, nos confrontos e conflitos das relações estabelecidas, no afeto ou desafeto entre os personagens das tramas, uma nova narrativa desses momentos tão determinantes e transformadores que aceleravam os processos sociais e a existência dinâmica e crescente das cidades. Reverbera-se um outro momento que, colocado em livros, dava ao jogo da sociedade, novos significados de vida. Inspirava para um fazer ciência. Possivelmente, a ciência como veículo das interações, complementou e deu luz a muitas histórias que localizavam o pensamento humano nos seus sentires estabelecidos à época. Dessa forma, literatura como “Os Miseráveis” escrito em 1862 por Vitor Hugo (2014); “Crime e Castigo” de Fiódor Dostoiévski escrito em 1860 (2013); “Vinte Mil Léguas Submarinas” de Julio Verne produzido em 1870 (2019); “O Médico e o Monstro” de Robert Louis Stevenson escrito em 1886 (2013); “Frankenstein” de Mary Shelley, publicado em 1818 (2017); “A Revolução dos Bichos” de George Orwell (2007); “Admirável Mundo Novo” de Aldous Huxley, escrito em 1932 (1981) todos localizaram cultura, arte e ciência num escrito só. A dimensão literária esteve presente nas performances que traziam a cultura e a arte da escrita, na sua descrição de sociedade, na composição com as subjetividades instituídas. Essas revelavam fatos que remetiam ao olhar mais refinado e profundo sobre o meio, sobre a humanidade e suas relações.

Na metade do século XX, livros que mesclavam a linguagem científica com análises acontecidas de forma literária demarcaram o momento de xeque que a sociedade se encontrava. Autores como Ilya Prigogine (1917-2003) Charles Wrigth Mills (1916-1962), Theodor W. Adorno (1903 – 1969), entre outros proporcionaram um questionamento de mundo e ciência. Uma nova gramática era traçada. Localizavam a análise e o diálogo como instrumentos de compreensão da ciência e da literatura, chancelaram o debate que colocava em níveis de importância horizontal esses dois elementos que produz derivadas contundentes à formação da sociedade.

Nessa perspectiva trazemos também Morin (2002), que nos leva a indagar outras dimensões dos saberes instituídos, seja na literatura, nas artes, na ciência ou na cultura. Ao pensar na complexidade que envolve uma lógica diferenciada na percepção dos fatos, Morin defende o pensamento complexo, nos fazendo pensar numa razão não mais única, linear, redutora, fragmentada e apartada do pensamento científico. Fato esse expresso numa literatura

contemporânea que tem na estrutura complexa de pensamento, os campos produtores de saber e as várias pernas que nos remetem a uma interligação, levando-nos a apropriarmos das construções paradigmáticas que ampliam olhares tecidos no conhecimento e nas possibilidades de intercessão, de ações, de interações e retroações.

Há nos campos interdisciplinares mobilização de análise acerca dos fenômenos sociais e naturais, numa dinamicidade que se relaciona a determinações diferenciadas do olhar disciplinar estabelecido pela ciência moderna.

Dito isso, temos claro que a ciência e a literatura são linguagens singulares que se movimentam no tempo e são apresentadas nos seus contextos e nas suas épocas, possuindo pontos de encontro e desencontros que se somam para o entendimento dos acontecimentos e do status vivido pelos sujeitos da EJA. Essa modalidade de ensino busca a formação de leitores e suas múltiplas linguagens visuais interligadas com as dimensões do trabalho e da cidadania. Sendo assim, requer algo mais complexo e dinâmico com os sujeitos dessa modalidade de ensino, que tem diante de si pessoas maduras e experientes na vida e no trabalho (Brasil, 2000).

É na multiplicidade de observações e ações que os sentimentos entram em cena, colocando luz ao que se vive, para o entendimento da vida e do outro nos aspectos que envolvem valores, saberes, realidades e abstrações. Nesse contexto, os saberes culturais e estéticos na produção e apreciação artística são expostos em diferentes representações como a pintura, a música, a escultura, a produção literária, entre outras.

Barbosa (2000) destaca que, por meio da poesia, dos gestos e da imagem a arte apresenta e fala aquilo que a ciência não pode apresentar por utilizarem outro tipo de linguagem, como a discursiva, a científica, que estando sozinhas não decodificam nuances culturais. Segundo Coli (1995) a arte como expressão pessoal ou coletiva é um importante instrumento para a identificação das manifestações culturais e o desenvolvimento de determinada sociedade. Por meio dela é possível desenvolver a percepção, a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar que os produtos artísticos têm relação com a sociedade e, por essa razão, a arte é dinâmica. Ao analisar um livro, o autor faz o seguinte comentário que mostra sensibilidade plena na leitura:

[...] pelo seu brilho, pela facilidade com que manipula os mais diversos objetos artísticos, aproximando-os entre si ou os iluminando de maneira inesperada, é de extrema fecundidade. Sua leitura permite entrar em contacto com um grande espírito, que é ao mesmo tempo um grande escritor. Mas é suficiente pensarmos na atitude que

consiste em colocar no mesmo saco Lascaux, a janela de Tomar, os afrescos cretenses, Bergson, El Greco e Proust para percebermos que, se tais aproximações podem engendrar ideias apaixonantes, elas só podem ser obra do sujeito que encontra as afinidades, e sua pretensão ao instrumento objetivo (Coli, 1995, p.56).

Para Ostrower (2003) quando o artista cria, sua obra parte de um foco e de um objetivo que se traduz em trabalho. Criar é algo inerente ao ser humano, como o é trabalhar, todos possuem um potencial criativo para inovar compondo obras de Arte nas mais diferentes áreas: poesias, escultura, música, entre outras, por via de uma noção mais ampla e aqui podemos trazer o sentido omnilateral para compor essa razão de pensamento. Dessa forma, a criatividade pode ser estimulada, desenvolvida e transformada, tendo o trabalho como princípio que corrobora com a potencialidade criativa. Assim,

[...] o homem elabora seu potencial criador através do trabalho. É uma experiência vital. Nela o homem encontra sua humanidade ao realizar tarefas essenciais à vida humana e essencialmente humanas. A criação se desdobra no trabalho porquanto este traz em si a necessidade que gera as possíveis soluções criativas. Nem na arte existiria criatividade se não pudéssemos encarar o fazer artístico como trabalho, como um fazer intencional produtivo e necessário que amplia em nós a capacidade de viver (Ostrower, 2003, p.31).

Em Arsmeim (2005) há uma forte análise que nos leva a crer que é preciso considerar que o mero contato com as obras-primas não é suficiente, pois apesar de as pessoas terem uma capacidade inata para entender através dos olhos, essa habilidade deve ser despertada e trabalhada. Portanto, trabalhar com arte envolve muito mais que um contato com as obras, envolve uma oportunidade de analisá-las, desenvolvendo a sensibilidade e a percepção visual.

Por que, então, nossos olhos nos servem quase sempre bem? Não é apenas uma coincidência feliz. Primeiro, a parte do mundo feita pelo homem adapta-se às necessidades humanas. Só as portas secretas dos velhos castelos e dos automóveis modernos se misturam com as paredes. Em Londres caixas postais são pintadas de vermelho vivo para diferenciá-las daquilo que as rodeia. Contudo, não apenas a mente humana, mas a natureza física também deve obedecer à lei da simplicidade. A forma exterior das coisas naturais é tão simples quanto as condições permitem; e esta simplicidade de configuração favorece a separação visual. O avermelhado e a redondez das maçãs, que se distinguem das diferentes cores e formas das folhas e ramos, existem não como uma conveniência para quem as colhe, mas são a manifestação externa do fato de que as maçãs crescem diferente e separadamente das folhas e ramos. Processos internos separados e materiais diferentes criam, como um subproduto, aparência diferente.

Um terceiro fator que favorece a subdivisão perceptiva não é independente dos outros dois, mas merece uma menção explícita. A configuração simples, notadamente a simetria, contribui para o equilíbrio físico. Ela impede que as paredes, árvores e garrafas caiam, sendo, portanto, preferida no trabalho de construção pela natureza e também pelo homem. “Em última análise, então, a útil correspondência entre o modo que vemos as coisas e o seu real modo de ser acontece porque a visão, como um reflexo do processo físico do cérebro, está sujeita à mesma lei básica de organização das coisas da natureza” (Arsmeim, 2005, p.80).

É fundamental para que possamos construir saberes artísticos, a interdisciplinaridade, que nesse contexto utiliza diferentes materiais e produções, hibridizando o saber com a “útil correspondência entre o modo que vemos as coisas e o seu real modo de ser”. Esse pensamento deve acontecer nas disciplinas do currículo escolar que possuem potencial para construção dos conhecimentos em arte.

A separação do currículo de forma segmentada desde o início da escolarização tende a reproduzir a ideia de que cada disciplina é distinta e exclusiva, cada qual sendo definida mais pelo produto do que pelo processo (Root-Bernstein e Root-Bernstein, 2001). Dessa maneira, no plano do processo criativo, “[...] as ferramentas intuitivas do pensamento que ligam uma disciplina a outra são inteiramente ignoradas” (Ibid., 2001, p.23). Por outro lado, a arte ocupa um papel importante na formação crítica e expressiva do aluno pela oportunidade de oferecer subsídios para desenvolvimento de atividades que promovam a criatividade e oportunizem o pensamento crítico. Segundo Ujii (2013), é ainda em sua importância na formação humana, possibilita apresentar o conhecimento de mundo através da expressão de ideias, de significados e pela contribuição na compreensão do conhecimento historicamente produzido de modo reflexivo.

Entretanto, tal contribuição tem ligação direta com o valor que a arte possui no universo social, escolar e na concepção dos professores de arte especialistas e não-especialistas. Essa via analítica de propiciar a construção de uma concepção consistente de arte, implica-nos profundamente como formadores “[...] compreende-se e defende-se a prática interdisciplinar, não podemos nos furtar ao trabalho pedagógico com os conteúdos próprios da arte, diluindo-os nas ações pedagógicas. Há de se ter atenção redobrada” (Ujii, 2013, p. 30).

Tendo por base ações pedagógicas que mobilizam as inquietudes que nos levam a buscar respostas, essas cumprem o ritual das descobertas. Da descoberta de nós, dos fenômenos que desencobrem o que por nós estava desconhecido. A ciência é a arte de acreditar no invisível que se torna real, concreto, luz, som, movimento e cura (Root-Bernstein e Root-Bernstein, 2001). É a arte de buscar onde, aparentemente não tem nada, a vida

microscópica, a vida que não é vista dentro de nossas impossibilidades visuais, o som não ouvido dentro da nossa limitação de escuta, os odores não sentidos dentro da frágil captação olfativa que possuímos. A ciência chega no improvável, mostrando que há, além do que nossos sentidos podem captar, perceber, sentir, efetuar. A literatura abre todos os sentidos e conversa com as diferentes formas da arte para tornar possível o que nos é limitado em sentimento, entendimento, empatia, alteridades e compreensão. Ela amplia os olhos que só captam determinados tamanhos e formas. Amplia o sentimento de estar e se fazer no mundo.

É na liberdade da escrita, de narrar possibilidades no impossível, de traçar caminho que as viabilidades postas no investigar vai se dando. Nas interrogativas das hipóteses, que confirmadas ou refutadas, obras foram erguidas e que vidas foram poupadas, comunidades foram salvas.

A tecnologia se fez, também, da ciência e da poesia. É na obra literária que alimentos para futuras descobertas estavam sendo incubados como presentes para o futuro externados nas diversas linguagens. Nessa perspectiva, Root-Bernstein e Root-Bernstein (2001) destacam em sua obra as palavras de Charles Nicolle, imunologias e escritor, ganhador de um Prêmio Nobel:

[...] a revelação de um novo fato, o salto para frente, a vitória sobre a ignorância de ontem, não é um ato de razão, mas da imaginação, da intuição. É um ato intimamente relacionado com o do artista e do poeta; um sonho que se torna realidade; um sonho que parece criar-se (p.23).

Nesse entendimento e desejo, literatas como Dickens, Zolá, Dostöievsky, Clarke e outros cientistas como Einstein, Edson, Guttemberg, Darwin se alimentaram, mostrando nas suas respectivas obras e descobertas não ser simplesmente a sociedade que é complexa, mas cada pessoa que cria, que possui ideia, que põe para fora sua curiosidade e é alimentado por ela, com olhar determinado para desvendar “mistérios”. Essas se jogaram à espreita, à pesquisa, à arte nas suas várias formas e narrativas.

Logicamente, há de ter constituída uma sociedade que aporte e apoie esses sujeitos que se descubrem, ainda tardiamente, como sujeitos de aprendizados, fazeres e assim, sujeitos que poderíamos fazer escritores, pesquisadores e artistas, e que tenham saciada a sobrevivência, garantido o prazer de conhecer, que tenham a certeza de que ciência é obra, de que literatura é presente à vida. Ainda que em idade mais acelerada, a EJA pode abrir mundo, clarear tendências, despertar valores e aptidões.

Almeida (2012) salienta que a prática de leitura em voz alta na escola se constitui num importante passo para trabalhar a sensibilidade e a especificidade das linguagens. Se recortarmos tal fato dentro de um trabalho com arte e ciência, situando no campo literário o texto numa aura que cativa para a leitura, a entrada na linguagem científica poderá ser atingida de forma leve, inteira e significativa. Freire (2006) nos leva à visão da dimensão da leitura que dá sentido, aos assuntos voltados ao mundo, à pesquisa e à linguagem que se estabelece em torno dela, num exercício de adentramento no texto para a compreensão e intervenção no mundo.

Ao pensar arte e ciência podemos alargar as narrativas, explorando os contextos e as novas ordens de escritos que situam o leitor no seu convívio e percepção dos fenômenos naturais. Freire assinala ser urgente a leitura para o entendimento, significação e a compreensão científica do mundo. É fundamental que leitura e escrita façam parte e constitua direito e política pública educacional para os jovens e adultos que por uma sorte ou outra, não tiveram acesso a tempo em sua formação educacional.

Proporcionar a todos o mesmo acesso à ciência e à arte e agir fraternamente é um ato político e um ato de conhecimento, logo, interage com a arte num ato criador onde os sujeitos atuam com criatividade no entendimento e compreensão do objeto cognoscível (Freire, 2014). A possibilidade da leitura e o acesso à literatura anima o leitor, o localiza, o faz desafiar e aquecer a vontade de viver, aguça sua paixão por decifrar as coisas, pronunciando o ser no mundo com criatividade.

A criatividade transcende os limites da fragmentação disciplinar, arte e ciência se expressam nas vias literárias e, com criatividade individual estendida ao coletivo proporcionam movimentos contínuos de leitura e compreensão de mundo. Podemos aqui pensar os romances de Júlio Verne, quais sejam “Volta ao mundo em 80 dias” e “Viagem ao centro da Terra”, ou de Daniel Defoe “As aventuras de Robinson Crusoe”, bem como outros que se traduzem num belo exercício interdisciplinar de introdução a literatura na tentativa de aproximação da ciência na linguagem literária.

Freire (2006), nesse sentido coloca que o conhecimento e a compreensão do mundo podem ser gerados pela leitura. Refletindo tal ponto, a literatura pode, também, fortalecer as instituições científicas por meio dessa arte que nasce nas expressões e na capacidade de diálogo, de representar o mundo pela escrita, de contar por símbolos. Acreditamos, por fim, que a expressão de saberes e sentimentos são fatores que mobilizam a humanidade no sentido da lapidação humana.

Acreditamos que a ciência nasce da vontade de descoberta e aliada à literatura por meio do viés interdisciplinar, leva-nos a perceber que por trás de qualquer fato, situação e acontecimento, por pior que seja, há sempre uma leitura a ser feita no sentido da compreensão que não nos tornem cegos nessa ou naquela chave perceptiva de um olhar, mas que possamos analisar sob a luz de cores diferenciadas, sentimentos variados, percepções múltiplas, sem preconceções de cadeias que aprisionam nas anti-virtudes ignóbeis que também habitam em nós.

Se somos constituídos pela arte, pelo pragmatismo da vida, pela materialidade do viver, pelas percepções, concepções e relacionamentos, que o justo que atenda às virtudes de um bom existir possa habitar em nós num plano de vida que assuma protagonismo em cada fala e fazer do que somos. Dessa forma, ciência que trata da exploração de um mundo a benefício da humanidade se comungue cada vez mais à literatura como a arte de entender os dilemas humanos, porque somos um todo integrado e não partes isoladas no todo.

Vamos levar a sério os elementos formadores da nossa busca pela verdade, pela sabedoria e pela interpretação fiel à realidade num contínuo de leituras, releituras, escritas e reescritas dos fazeres sociais, em que a ação artística seja capaz de possibilitar a interação de saberes e de produções entre os sujeitos da EJA. Que essas ações sejam divulgadas por meio de exposições, saraus, espetáculos, performances, concertos, recitais e intervenções culturais no processo de construção do ensino (Brasil, 2017).

Por fim, considerando-se o exposto, discorreremos sobre essas reflexões que transitam entre a arte e a ciência, buscando possibilidades em que exista um diálogo entre os campos de conhecimento e não apenas a utilização submissa de uma área enquanto meio para outra, como acontece. Defendemos que na EJA a literatura seja intensa para maior apropriação e participação dos sujeitos no mundo.

### **3.1. Ciência e arte na educação de jovens e adultos: a garantia dos direitos mediados pela literatura**

*Palavras geradoras*  
*Favela-necessidades fundamentais*  
*Habitação*  
*Alimentação*  
*Vestuário*

É por meio do ato de criatividade humana que a ciência se estabelece e perpetua (Root-Bernstein e Root-Bernstein, 2001). Na ação de criar mecanismos de leituras, não ingênuas, que a educação de jovens e adultos (EJA) alicerçada nas funções de reparar, equalizar e qualificar, pode se fortalecer garantindo os direitos necessários a dignidade humana para alunos da EJA.

Ciência e arte se unem no desejo de busca, no transitar por caminhos humanos que não escapam da criatividade de construir mecanismos de enunciações e desenrolam em criações literárias na compreensão do mundo. Essas criações podem ser expressas nas linguagens verbais, visuais e sonoras de leituras e releituras de temas relacionados ao cotidiano.

O trabalho com temas geradores pode ser entendido como arte que fortalece os sentidos textuais, diluídos em frases, palavras, sílabas, grafemas e sons os quais serão elementos da práxis, de compreensão, apreensão e transformação social. Falamos em arte literária quando ampliamos o conceito de “trabalho”, ampliamos o conceito de “favela” apresentando ao alunado da EJA os desafios históricos subtraídos de uma grande parte da população.

Arte e literatura se entrelaçam em “Vidas Secas” de Graciliano Ramos (2019), Morte e Vida Severina de João Cabral de Mello Neto, onde a arte de produzir cultura na aridez, culmina na reflexão sobre a humanidade e suas mazelas. A Dama das Camélias em cordel (2012) de Alexandre Dumas Filho e adaptação de Evaristo Geraldo é a arte materializada nas rimas do cordel retratando a realidade nas melodias do cordel.

O trabalho com alunos da EJA exercita a práxis ao relacionarmos “Vidas secas” ao cotidiano de maneira reflexiva, iniciado com leituras diversas que suscitem as intertextualidades, com ilustrações, reescritas, círculos de leituras e exposições culturais em que o sentido da vida seja vivenciado nas ações artísticas e promova a transformação a partir de vozes geradoras de significados que clarificam os processos excludentes em consciência real. Ciência se faz com arte e criatividade que flui em processos perceptivos de diversas leituras e compreensão. Todas essas obras literárias podem ser utilizadas na dinamização do ensino na EJA.

A omnilateralidade abarca concepções mais amplas de atuações na modalidade EJA, em que os sujeitos, a partir das interações entre arte, ciência e literatura, construam novas leituras e significações. Portanto, por meio do Quadro-resumo 1, observa-se as principais obras que nos aponta esse enlevo, assim como as relações da obra com a ciência, a arte, a literatura.

**Quadro-resumo1:** Relação entre ciência, a arte, a literatura e a interação no contexto da EJA.

Obras	Relação entre a literatura e a ciência/arte
“Germinal” (2016)	No texto, Émile Zol, expressa as minas de carvão, as revoltas, os dilemas vivenciados pelos seres humanos e as lutas por dignidade. Sem romantizar fatos, o autor usou a arte literária para apresentar de forma verossímil as relações com o trabalho cotidiano nas minas de carvão. A ciência está no saber imbricado na sociedade mineira e as relações injustas entre patrão e empregado podem ser temas da docência na EJA.
“As Vinhas da Ira” (2013)	Trata das migrações acontecidas nos Estados Unidos da América, na busca das melhores condições de vida da família “ <i>Joad</i> ”. Ponto a ser dinamizado, de maneira interdisciplinar na EJA, ao retratar a história de grupos marginalizados pela economia, cultura e conhecimentos distintos.
“A mulher de Trinta” (2015)	No livro, pode-se observar a ligação entre arte, ciência e literatura num romance que valoriza a mulher madura. Balzac, autor da obra, aborda a ampliação da felicidade amorosa feminina, a partir de sua subjetividade e maturidade. A obra valoriza a busca dos sonhos femininos dialogando com a arte, expressa no romance que é saber, conhecimento e que flui na docência na EJA. Ao apresentar a sociedade burguesa, Balzac expõe as relações com o matrimônio utilizando a arte, ciência e literatura como elemento uno.
“Os Miseráveis” (2014)	Victor Hugo evidencia os conflitos humanos ligados a ética, vingança e as possibilidades de redenção dos sujeitos. Tudo num cenário de tramas históricas de lutas revolucionárias. Assuntos que interagem com a ciência e nas novas formas de vida humana, as quais podem ser inseridas nas docências da EJA.
“Crime e Castigo” (2013)	O diálogo com arte e ciência é posto de forma contundente na obra clássica de literatura mundial. O dilema colocado de “negar o crime e viver com remorso cotidiano, permeia o personagem que fica a se perguntar: confessar os assassinatos para se redimir? São questões que se aproximam da ciência, da busca, da verdade. Questionam sobre a moral e as leis que discutem questões cotidianas. Dessa forma, arte, literatura e ciência formam um complexo de saberes interdisciplinares na obra de Dostoiévsky, ao apresentar possibilidades a serem trabalhadas na EJA.
“Vinte Mil Léguas Submarinas” (2019)	Júlio Verne apresenta a obra de ficção científica em que as navegações por oceanos podem ser elementos interativos entre arte, ciência e literatura no ensino da EJA, com releituras e produções criativas nas propostas de aulas.
“O Médico e o Monstro” (2013)	A arte demonstrada no enredo pode ser trabalhada de forma a contribuir para que a ficção científica faça parte do acervo literário dos alunos da EJA em que a suspense e o terror serão discutidos no conto.
“Frankenstein”	A obra de Mary Shelley pode ajudar a produzir conhecimentos e reflexões sobre o

(2017)	uso da ciência na pesquisa, ética na ciência e relações sociais. Tais questões inclui a arte, a ciência e a literatura, podendo assim gerar importantes debates junto aos alunos da EJA.
“A Revolução dos Bichos” (2007)	O autor <b>George Orwell</b> apresenta a obra em que os bichos, moradores de uma granja, decidem lutar contra os humanos, tendo em vista melhores condições de vida idealizada por dignidade. A literatura, a arte e a ciência estão nos meandros do texto interligando fatos e acontecimentos sociais, temas os quais devem ser discutidos em turmas de EJA.
“Admirável Mundo Novo” (1981)	O autor apresenta uma sociedade futura, criada em laboratório para serem massas de manobras. Pode-se observar que essa forma de arte, por meio do texto, expressa muitas reflexões acerca do papel da ciência e suas relações com o ser humano, levando-se ainda em conta as novas tecnologias e usos dos produtos da ciência. Tal temática deve ser objeto de debates em aulas para a EJA.
“Vidas Secas” (2019)	Graciliano Ramos, a literatura, a arte e a ciência podem ser elementos de cultura e reflexão de vida social, pensando na transformação e fuga da aridez do sertão nordestino.
“Morte e Vida Severina (2007)”	Por meio dessa obra a interdisciplinaridade entre literatura, ciência e arte podem ser tratadas em um projeto de ensino sobre os dilemas e os retirantes do sertão nordestino.
“A Dama das Camélias em cordel” (2012)	Pode ser dinamizada na EJA a arte criativa do cordel a ser mediada com temas que abarcam a cultura, ciência e desafios expressos no cordel. Essas leituras podem ser materializadas em novas criações, incluindo diversos gêneros e releituras, em uma proposta que envolve o fazer, o ler e o contextualizar para significações.

Fonte: Autores.

Diretrizes Curriculares Nacionais para educação de jovens e adultos (Brasil, 2000) nos apresentam as funções da EJA que se constitui na tríade da reparação, equalização e qualificação. No pilar da reparação, a EJA caracteriza-se na função de resgatar os direitos escolares negados por motivos diversos. Os alunos da EJA têm o direito de tomarem os seus lugares à mesa da construção do conhecimento cristalizados nas experiências e histórias de vida. Reparar para retomar a consciência negada, para compreender os reais motivos que levaram e levam milhares de cidadãos à evasão escolar e à repetência recorrente.

A função equalizadora da educação de jovens e adultos tem características de redistribuição e alocação para garantir a cobertura dos direitos de oportunidades na inserção social, de trabalho e de participação nos diversos espaços, pois:

A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação. Para tanto, são necessárias mais vagas para estes "novos" alunos e

"novas" alunas, demandantes de uma nova oportunidade de equalização (BRASIL, 2000, p.9).

A terceira função que se pode chamar de sentido da EJA tem o objetivo de qualificar o cidadão para a vida, mediante uma formação permanente constituída na unidade entre a reparação e equalização. O sentido da qualificação considera a incompletude do ser humano e busca a formação integral e permanente envolvida na arte de significações das facetas cotidianas locais e globais que alimentam as desigualdades.

Existem muitos espaços a serem desbravados e vozes geradoras a seres reparadas, equalizadas e qualificadas na EJA. Com a observação da ciência e a criatividade artística, existem muitas histórias nas fumaças de Auschwitz<sup>2</sup> que em tempos e espaços distantes podem reascender a luz do conhecimento nas buscas sobre a essência humana, bem como a criatividade de construir ciência a serviço da dignidade ramificada nas teias literárias construídas nas relações sociais.

#### **4. Considerações Finais**

Após termos percorrido o caminho traçado até aqui, ressaltamos que a arte expressa em muitas obras literárias apresenta um recorte do conhecimento científico, acompanhado do desenrolar de diferentes narrativas, do contexto das tramas, de apresentação das cenas, fazendo com que o leitor adentre um momento próprio percebendo o que antes a ele estava encoberto. A arte nos diversos recursos de linguagem que possui, permite o conhecimento científico de forma simples e pontual, instaurado na compreensão e na sensibilidade que afeta aos sujeitos da EJA em suas emoções, capacidades e desafios. As duas expressões convidam-nos para representações do mundo na sua vitalidade, suor e resistência para a valorização dos sujeitos da EJA.

Como vimos ao longo do artigo, essas leituras podem ser materializadas em novas criações incluindo diversos gêneros e releituras em uma proposta que envolve o fazer, o ler e o contextualizar para significações.

Na busca de entendimento dos sentimentos humanos e de suas necessidades, muitas obras, como as citadas neste trabalho, foram escritas e se tornaram clássicas, sobrevivendo ao tempo as quais podem ser trabalhadas na EJA. Tais obras alargaram a compreensão acerca das

---

<sup>2</sup> Maior campo de extermínio nazista localizado na Polônia.

reações humanas. Desta feita, a arte como tradutora de sentimentos nos recoloca no mundo, fazendo-nos mais pertencentes a ele, nos versos, parágrafos, histórias e textos, nos emancipam por traduzirem angústias, inquietações, desejos, expectativas, que provocam enlevo e identidade libertadora de verdades, constitui-se como formadora do espaço sensível. Espaços esses que mobilizam elementos da ciência e da arte.

Observamos que em olhares de curiosidade ao mundo se estabelece, sem que percebamos ou tomemos consciência dele, um plano dialético que tenta explicar por via das expressões da arte e da ciência os sentidos humanos para constituição de sociedade. Isso porque as relações que se estabelecem entre ciência e arte no processo de criação humana é de repensar esse processo criativo e científico.

Saberes não se excluem, muito pelo contrário se complementam porque a vida é conjugação de tempo, realidades, conhecimentos, sentimentos, pensamentos. Dessa maneira, o processo de ensino e aprendizagem para alunos da educação de jovens e adultos sob o olhar da interdisciplinaridade, a partir da conjugação ciência, arte e literatura tende a promover a formação omnilateral do sujeito envolvido no processo educativo, sobretudo quando nos reportamos ao jovem e/ou adulto que, por motivos diversos, esteve ausente desses processos.

Nesse sentido, se uma das razões do homem viver em sociedade, para além do convívio e proteção, é também entender o mundo na sua complexidade, nas suas relações, nos seus fenômenos, no seu movimento e na sua vida, a ciência e a arte assumem lugar de vanguarda nessas razões. Assim, ciência e literatura são complementos de um saber que busca situar o humano na sua magnitude objetiva, subjetiva e dialética.

Ainda que a ciência seja hoje conhecimento de disputa no palco político, é ela construída nas mãos das universidades, centros de pesquisas e laboratórios públicos e privados. Modificou o cenário e a vida dos povos. É nela que a sociedade se move nas tecnologias produzidas, nas curas executadas, nas viagens que ampliam o mundo e nos instrumentos. Com isso, é de grande importância que ambas sejam trabalhadas na educação de jovens e adultos, com livros literários que ampliem visão e participação dos sujeitos alunos na vida, nas suas realidades, nos seus mundos.

## **Referências**

Almeida, R. M. (2012) A prática de leitura em voz alta na escola: um estudo de caso. In: 2º Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, *Anais...* Maringá, PR.

Arsmeim, R. (2005). *Arte e Percepção Visual: uma Psicologia da Visão Criadora*. São Paulo: Nova Versão.

Barbosa, A. M. (2000) Arte, Educação e Cultura In: Brasil. Ministério de Relações Internacionais - Departamento Cultural – Revista 7, Mat.5. Acesso em 21 de fevereiro de 2020 em:<<http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista7-mat5.pdf>>.

Brasil. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução N°. 1/2000, de 3 de julho de 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos.

Coli, J. (1995). *O que é Arte*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Freire, P. (2014). *Educação como prática da liberdade*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (2006). *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez.

La Rocque, L., & Teixeira, L. A. (2001). Frankenstein, de Mary Shelley, e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, 8(1), 11-34. Acesso em 14 de maio de 2020 em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702001000200001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000200001&lng=en&nrm=iso)>.

Manacorda, M. A. (2010). *Marx e a pedagogia moderna*. Campinas: Alínea.

Morin, E. (2002). *O Problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Publicações Europa-América.

Ostrower, F. (2003). *Processos de Criação*. Petrópolis: Vozes.

Rizolli, M. (2007). Estudos sobre Arte e Interdisciplinaridade. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas. Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais, *Anais...* Florianópolis, SC, 914-924.

Root-Bernstein, R., Root-Bernstein, M. (2001). *Centelhas de Gênios: Como pensam as pessoas mais criativas do mundo*. São Paulo: Nobel.

Silva, T. G., & Lampert, J. (2017). Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro. *Matéria-Prima*. 5(1), 88-95.

Ujii, N. T. (2013). *Teoria e Metodologia do Ensino da Arte*. Guarapuava: Unicentro

Balzac, H. (2015) *A mulher de trinta anos*. São Paulo: Martins Fontes.

Dostoiévski, F. (2013). *Crime e castigo*. São Paulo: Martin Claret.

Huxley, A. (1982). *Admirável Mundo Novo*. São Paulo: Abril Cultural.

Orwell, G. (2007). *A revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Shelley, M. *Frankenstein*. (2017). Rio de Janeiro: Darkside.

Steinbeck, J. (2013). *As vinhas da ira*. São Paulo: Record.

Stevenson, R. L. (2013). *O médico e o monstro*; São Paulo: Melhoramentos.

Vitor, H. (2014). *Os Miseráveis*. São Paulo: Martin Claret.

Verne, J. (2019). *Vinte Mil Léguas Submarinas*. São Paulo: Principis.

Zola, É. (2016). *Germinal*. São Paulo: Seguinte.

Ramos, G. (2019). *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record.

Neto, J. C. M. (2007). *Morte e vida Severina*. Rio de Janeiro: Alfaguara.

**Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Valéria da Silva Lima – 30%

Grazielle Rodrigues Pereira – 30%

Maylta Brandão dos Anjos – 40%